

COLEÇÃO CADERNOS TEMÁTICOS
Educação em Direitos Humanos,
Mídia e Educação Integral

MÓDULO TEMÁTICO 03

SAMILO TAKARA

MÍDIAS NA ESCOLA:

**CULTURA MIDIÁTICA, FORMAÇÃO CRÍTICA
E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

VOLUME I



SAMILO TAKARA

MÍDIAS NA ESCOLA:

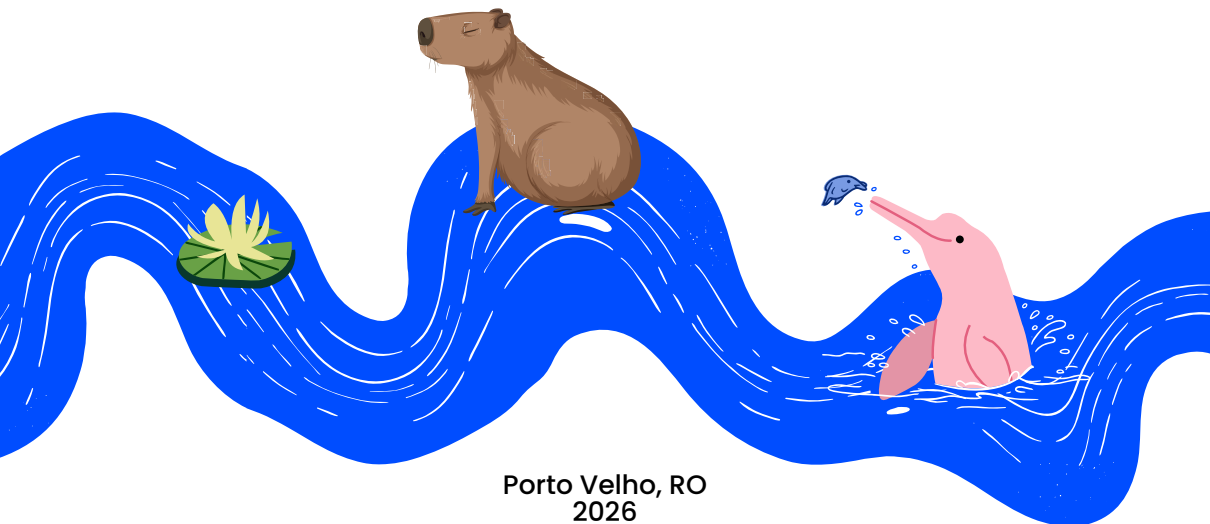
CULTURA MIDIÁTICA, FORMAÇÃO CRÍTICA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

VOLUME I

**EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS,
MÍDIA E EDUCAÇÃO INTEGRAL**
COLEÇÃO CADERNOS TEMÁTICOS

Este caderno integra o projeto **Educação em Direitos Humanos, Mídia e Educação Integral**, desenvolvido pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em parceria com a Universidade Federal do Tocantins (UFT) e a Universidade Federal do Pará (UFPA).

Projeto aprovado em edital da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC), com financiamento da SECADI e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE/MEC).



Porto Velho, RO
2026



Realização

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Reitora

Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Vice-Reitor

Denny William de Oliveira Mesquita

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

José Juliano Cedaro

Pró-Reitor de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis

Daniel Delani

Pró-Reitor de Graduação

Josué José de Carvalho Filho

Pró-Reitor de Planejamento

Edson Carlos Fróes de Araújo

Pró-Reitor de Administração

Henrique Moreira dos Santos

Apoio Institucional

Universidade Federal do Tocantins

Universidade Federal do Pará

Fundação de Apoio e Desenvolvimento ao Ensino,
Pesquisa e Extensão Universitária no Acre

Coordenação Geral do Projeto

Aparecida Luzia Alzira Zuin

Coordenadora Geral de Formação

Ney Cristina Monteiro de Oliveira

Supervisora Geral do Curso

Rosilene Lagares



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL
DE RONDÔNIA



DHJUS - Programa de Pós-Graduação em Direitos
Humanos e Desenvolvimento da Justiça

COMISSÃO TÉCNICA

Adaptação pedagógica e
organização editorial

Débora Mendes de Sousa Gemelli
Thaís Bombardelli

Revisão de texto

Luana Gomes Pagung

Normalização bibliográfica

Rejane Sales de Lima Paula

Projeto gráfico e diagramação

Natalia Oliveira Bicca



É permitida a reprodução total ou parcial deste material, desde que citada a fonte.

Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons (CC BY-NC-SA).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T136m

Takara, Samilo.

Mídias na escola : cultura midiática, formação crítica e práticas pedagógicas /
Samilo Takara. -- Porto Velho, RO, 2026.

77 p. : il. color. (Coleção cadernos temáticos : educação em direitos humanos,
mídia e educação integral ; Módulo 3, volume 1).

Formato: *E-book*

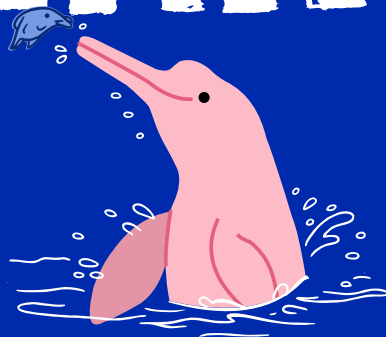
Disponível em: <https://dhjus.unir.br>

ISBN 978-65-02-13274-6 (digital)

1. Educação midiática. 2. Cultura digital. 3. Mídias digitais. 4. Tecnologias
educacionais. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - DHJUS.
II. Takara, Samilo. III. Título.

CDU 37:004

SUMÁRIO



Apresentação

6

01

O que são tecnologias e mídias no contexto escolar?

9

1.1

Mídias como práticas culturais e pedagógicas

12

1.2

Tecnologias como extensão dos sentidos

16

02

Mídias no dia a dia: o que isso muda na atenção e na aprendizagem?

21

03

Como utilizamos as mídias no espaço da escola?

31

3.1

Experimentando mídias, suportes e linguagens

34

04 Perspectivas nas propostas didático-pedagógicas: um planejamento com mídias **44**

4.1 Consumir e performar: o que as mídias nos ensinam **51**

4.2 A alimentação como objeto de análise mediática **55**

05 Considerações que nos movem **65**

Referências **71**

Sugestão de leitura **73**

Equipe do projeto **74**

APRESENTAÇÃO

Este Caderno Temático integra o curso *Educação em Direitos Humanos, Mídia e Educação Integral* e foi elaborado com o propósito de ampliar nossa compreensão sobre o papel das mídias no espaço escolar.

Para além da discussão sobre as tecnologias como instrumentos técnicos, propomos refletir sobre como elas participam da formação de sujeitos, da circulação de informações e da construção de sentidos na sociedade contemporânea.

No contexto atual, marcado pela velocidade informacional, pela presença constante das telas e pela expansão das redes digitais, torna-se fundamental pensar criticamente o lugar das mídias na escola. Elas não devem ser compreendidas apenas como ferramentas para transmitir conteúdos, mas como artefatos culturais que produzem discursos, influenciam percepções, moldam comportamentos



e interferem na maneira como compreendemos o mundo.

Assim sendo, a relação entre mídias e Educação em Direitos Humanos permite compreender a escola como espaço de formação crítica, ética e democrática. Trabalhar com mídias implica desenvolver a capacidade de analisar informações, questionar interesses, identificar desigualdades na circulação de conteúdos e promover o uso responsável e consciente das tecnologias.

Nesse sentido, a educação integral não se limita ao tempo ampliado na escola, mas envolve a formação de sujeitos capazes de atuar de forma crítica, participativa e comprometida com a dignidade humana.

Este Caderno oferece reflexões, exemplos e propostas que podem ser adaptadas à sua realidade. Os temas apresentados não pretendem esgotar o debate, mas servir como ponto de partida para a construção de práticas pedagógicas contextualizadas, criativas e



socialmente referenciadas. Acreditamos que o potencial pedagógico das mídias reside na capacidade de transformar a aula em espaço de diálogo, análise e produção coletiva de conhecimento.

Ao final dos estudos deste Caderno, espera-se que o participante:

- ◆ Compreenda as mídias como práticas culturais e não apenas como ferramentas técnicas;
- ◆ Analise criticamente os impactos das tecnologias nos modos de aprender, pensar e se relacionar;
- ◆ Reconheça o papel da escola na mediação dos fluxos informacionais contemporâneos;
- ◆ Desenvolva estratégias pedagógicas que integrem diferentes mídias de forma crítica e intencional;
- ◆ Proponha práticas educativas que articulem mídias, direitos humanos e formação integral.



**O QUE SÃO
TECNOLOGIAS E
MÍDIAS NO CONTEXTO
ESCOLAR?**



01

Ao pensarmos em mídias e tecnologias no contexto contemporâneo, é muito comum que a ideia de inovação apareça como algo central. Talvez você, em sua prática ou em formações, já tenha ouvido que inovar significa utilizar equipamentos mais modernos, plataformas digitais ou recursos tecnológicos mais avançados.

No campo educacional, essa percepção acabou se consolidando: muitas vezes, acredita-se que uma prática pedagógica só é inovadora quando mediada por tecnologias de última geração. Mas será que essa associação é suficiente para compreendermos o papel das mídias na educação?

Aqui, é importante fazermos um pequeno deslocamento de olhar. Propomos uma compreensão ampliada da dimensão de tecnologia, tal como explica Roger Simon (2008, p. 70), considerando “sua pluralidade, como um campo diversificado de diferentes formas de saber/poder”. Para essa interpretação, é necessária uma análise que considere as diferentes

tecnologias e mídias que compartilham um trajeto temporal com a formulação da instituição “escola”.

Os livros, as lousas, as carteiras, o espaço e a dimensão da sala, sua organização e recursos como equipamentos de gravação e reprodução de sons e imagens já estão presentes em diferentes contextos escolares e educativos. Compreendemos que a vinculação da escola como espaço de socialização de saberes, conteúdos, conhecimento científico, práticas e técnicas parecem exigir uma ideia de inovação, mas temos questões para considerar.

Então, perguntamo-nos: temos utilizado os recursos midiáticos com todas as potencialidades que eles oferecem no contexto escolar? Muitas vezes, o foco recai sobre o equipamento em si, mas pouco se discute sobre as práticas e os sentidos que construímos com ele.



PENSE SOBRE ISSO

Quando você pensa em “tecnologia” na sua prática docente, quais elementos vêm à sua mente? Eles se limitam ao digital ou incluem também outros recursos e formas de organização da sala de aula?

1.1 MÍDIAS COMO PRÁTICAS CULTURAIS E PEDAGÓGICAS

Se olharmos mais atentamente para o cotidiano escolar, é possível perceber que as mídias não são apenas ferramentas técnicas; elas integram o que podemos compreender como “tecnologias culturais”. Isto é, conjuntos de arranjos e práticas institucionais intencionais nos quais imagens, sons, textos e falas são produzidos, organizados, compartilhados e interpretados, e com os quais interagimos continuamente.

Outra questão importante diz respeito à forma como entendemos inovação. Não raramente, ela é



associada ao consumo de equipamentos de última geração, como se a qualidade pedagógica dependesse exclusivamente da tecnologia mais recente.

No entanto, inovar na educação não significa apenas adquirir novos dispositivos, mas compreender as técnicas, os fundamentos teóricos, as metodologias e os usos possíveis das mídias em diferentes contextos. **É a intencionalidade pedagógica que deve ocupar o centro do processo, e não o aparato tecnológico.**

Assim, as dinâmicas de ensino e aprendizagem permanecem como núcleo estruturante da prática educativa, mesmo quando mediadas por tecnologias.

Por isso, vale a pena retomar uma pergunta importante: temos utilizado as mídias em toda a sua potencialidade?

Muitas vezes, o foco recai sobre o equipamento: o projetor, o celular, o computador, mas pouco se discute sobre o que fazemos com esses recursos e



quais sentidos construímos com eles. Nesse ponto, compreender as mídias como tecnologias culturais nos ajuda a perceber que elas envolvem práticas, escolhas, intencionalidades e modos de interação.

Outro aspecto importante, e que talvez você já tenha observado no cotidiano, é a forte associação entre tecnologia e consumo.

Paula Sibilia (2012) nos chama atenção para o fato de que, cada vez mais, os sujeitos são compreendidos como consumidores de mídia. Essa lógica, típica do mercado, acaba influenciando também a forma como percebemos o uso das tecnologias na escola. A autora nos provoca a refletir sobre como os sujeitos têm sido compreendidos, cada vez mais, como consumidores de meios de comunicação. Ela destaca que a lógica do mercado se expandiu para diferentes dimensões da vida social, influenciando também a forma como percebemos as tecnologias no ambiente escolar.

Essa constatação exige uma análise mais cuidadosa sobre os usos pedagógicos das mídias. **Quando a tecnologia é associada predominantemente ao consumo, corre-se o risco de reduzir seu sentido educativo à preparação para o mercado de trabalho**, como se sua principal finalidade fosse treinar habilidades técnicas voltadas à empregabilidade.

Nesse movimento, perde-se a dimensão formativa mais ampla: o desenvolvimento da capacidade crítica, da autonomia intelectual e da participação consciente frente aos artefatos midiáticos contemporâneos.

Contudo, não é simples dissociar a ideia de inovação do desejo de consumo. Os sistemas de informação e comunicação são atravessados por expectativas de utilidade imediata e eficiência, que podem obscurecer uma compreensão mais complexa sobre os sentidos, os impactos e as possibilidades educativas das tecnologias.

Portanto, reconhecer essa tensão é fundamental para que a escola não se limite a reproduzir tendências de mercado, mas construa práticas pedagógicas intencionais e críticas.

PARA DIALOGAR

No seu contexto escolar, como os estudantes se relacionam com as mídias? Eles apenas consomem conteúdos ou também produzem, questionam e analisam aquilo que acessam? E você, como docente, em quais momentos consegue transformar o uso das mídias em experiência formativa?

1.2 TECNOLOGIAS COMO EXTENSÃO DOS SENTIDOS

Para aprofundarmos essa reflexão, é interessante conhecer uma ideia proposta por um importante estudioso da comunicação, Marshall McLuhan (2007), que contribuiu significativamente para os estudos sobre comunicação e mídia.



Ao problematizar os meios de comunicação, McLuhan (2007) nos convida a pensar como eles participam da organização da percepção, da cultura e das formas de interação social. Em outras palavras, ele nos ajuda a perceber que **as tecnologias não são neutras: elas influenciam diretamente os modos de pensar, aprender e se relacionar — e, por isso, exigem uma mediação pedagógica consciente.**

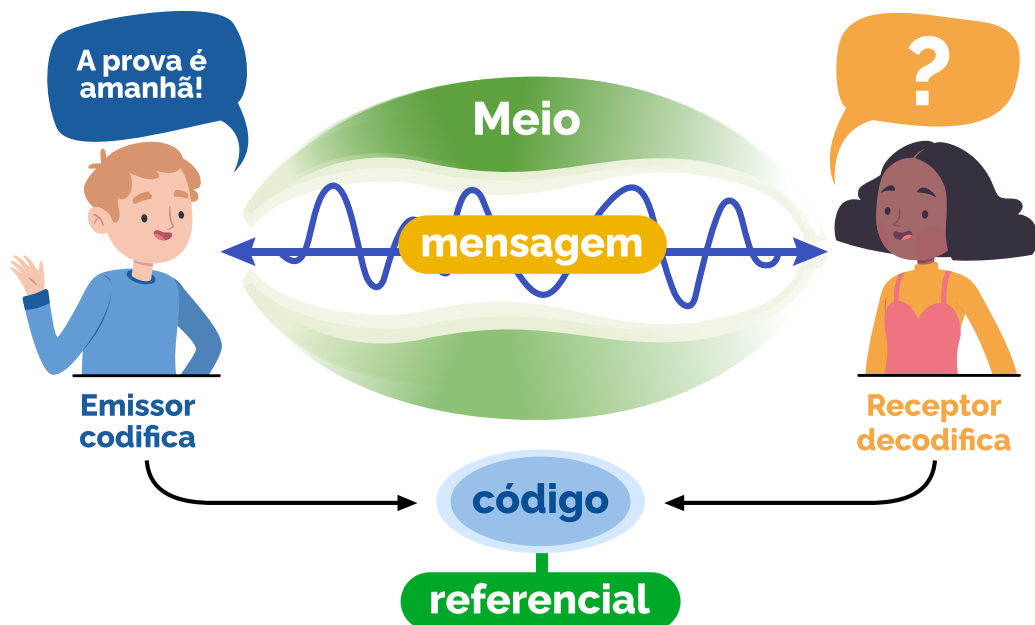
Ao refletir sobre os efeitos das mídias na vida social, McLuhan (2007) formula a conhecida ideia de que “o meio é a mensagem” e, com essa afirmação, o nos convida a compreender que os meios de comunicação não são apenas canais neutros de transmissão de conteúdos, mas elementos que influenciam a forma como percebemos o mundo, organizamos o pensamento e nos relacionamos.

Mas, antes de avançarmos sobre essa perspectiva, é necessário verificar a organização desses elementos no processo de comunicação: o emissor é quem produz a mensagem; o receptor, quem a



interpreta; o código, a linguagem utilizada; e o meio é o canal que permite a circulação da mensagem. Nesse percurso, podem ocorrer interferências, chamadas de “ruídos”, que alteram ou dificultam a compreensão do que foi comunicado. Perceba que o processo não é linear e que cada elemento impacta a mensagem que será efetivamente recebida, especialmente o meio. Observe a Figura 1.

Figura 1 – Elementos da Comunicação



Fonte: Elaborado pela comissão técnica (2026).

Para McLuhan (2007), os meios funcionam como extensões dos sentidos e do próprio corpo humano, ampliando nossa capacidade de ver, ouvir, falar e interagir para além das limitações espaciais e temporais.

Seguindo essa perspectiva, é importante observar que as chamadas “tecnologias de última geração”, frequentemente apresentadas pelo mercado como objetos de desejo, são também artefatos midiáticos que atualizam essas extensões. Tornam-se desejáveis não apenas por suas funcionalidades técnicas, mas por representarem versões mais recentes de dispositivos que permitem produzir, acessar, compartilhar e consumir informações, conteúdos e entretenimento.

No entanto, compreender esse movimento exige olhar para além do apelo do consumo e refletir criticamente sobre como esses meios influenciam práticas culturais, sociais e educativas.

Igualmente, se são prolongamentos, existem elementos anteriores que podem ser considerados para problematizarmos os usos das tecnologias no contexto contemporâneo. Assim, ao mesmo tempo que um celular, um *tablet* ou um *notebook* que foram lançados recentemente atualizam as dinâmicas, os usos e as possibilidades de produzir, disseminar e consumir informação, o que precisamos também desenvolver, é presente em contextos escolares e educativos anteriores.

O exercício da aquisição de estratégias de desenvolvimento de linguagens que é realizado no contexto escolar pode ser amparado e trabalhado por meio de recursos midiáticos variados; entretanto, essas compreensões não dependem dos artefatos, mas são para manuseá-los que precisamos de propostas pedagógicas que ofereçam perspectivas e possibilidades de criação e condução.

**MÍDIAS NO DIA A DIA: O QUE
ISSO MUDA NA ATENÇÃO E
NA APRENDIZAGEM?**



Paula Sibilia (2012, p. 84) explica que há mudanças nos modos como as gerações contemporâneas se relacionam com as produções midiáticas deste tempo. Por uma proposta de recorte, considerando a dimensão deste Caderno, iremos dar ênfase à **atenção que é modificada nos usos das tecnologias contemporâneas**.

Também Douglas Kellner (2001) analisa as transformações provocadas pelas tecnologias e pelos artefatos midiáticos, a partir do conceito de “cultura da mídia”. Para o autor, a mídia não apenas transmite informações, mas organiza valores, comportamentos, identidades e modos de vida, influenciando profundamente as formas de socialização e aprendizagem.

Assim, tanto Kellner (2001) quanto Sibilia (2012) destacam que o acesso à informação e aos conteúdos mudou significativamente ao longo do tempo, ampliando-se em escala e velocidade, mas também produzindo novas desigualdades e desafios. Na Figura 2, consolidamos essas concepções em uma breve síntese.

Figura 2 – Cultura da mídia em camadas.



Fonte: Elaborado pela comissão técnica (2026), com base em Kellner (2001) e Sibilia (2012).

A partir das reflexões apresentadas, especialmente sobre cultura da mídia e transformações na atenção, podemos agora observar como esses processos se manifestam no cotidiano. Em outras palavras, aquilo que autores como Sibilia (2012) e Kellner (2001) analisam no plano teórico pode ser percebido de forma bastante concreta nas práticas diárias com as tecnologias.

No contexto contemporâneo, o uso das tecnologias acontece por meio da combinação de dispositivos e plataformas. As pessoas utilizam diferentes aparelhos de forma simultânea e integrada. Um exemplo simples é a possibilidade de transmitir vídeos do celular para a televisão, articulando diferentes suportes em uma mesma experiência comunicacional. O uso concomitante do celular e da televisão, ou de outros dispositivos conectados, configura uma dinâmica distinta daquela vivenciada em períodos anteriores, quando o consumo midiático era mais linear e centrado em um único meio por vez.

Essa mudança exige que a escola compreenda as novas formas de interação com a informação e com o conhecimento, reconhecendo que os estudantes já vivem em um ambiente de múltiplas telas, conexões e fluxos comunicacionais. Mudanças que parecem simples, mas que geram impactos diferentes na vida e na atenção das pessoas.

Outro exemplo disso ocorre quando, durante um episódio de série ou filme, surge uma dúvida sobre um termo ou informação. Nesses momentos, é comum recorrer imediatamente ao celular para buscar o significado ou esclarecer a questão.

Essa soma de aparelhos, ao mesmo tempo que parece produtiva para o pensamento, gera outras dificuldades: divide a atenção. Por mais que pareça algo simples e cotidiano, diferenças drásticas no processo de compreensão e de interpretação de conteúdos são geradas nesse costume que parece inscrever a contemporaneidade no cotidiano das pessoas.

Em outras palavras, uma cultura da mídia que agora é também um estimulador da ansiedade e que mobiliza sujeitos e práticas que são diferentes das experiências anteriores.

Para tentar explicar, gostaríamos de exemplificar com outros suportes midiáticos: o livro e o dicionário.

Ao começarmos os estudos em uma área ou tema diferente, por vezes, vamos nos deparar com o encontro de palavras e termos que desconhecemos. Entretanto, diferente de um vídeo que está em andamento e que tomamos o celular enquanto estamos assistindo — e aqui também podemos pensar se estamos realmente assistindo ao conteúdo — para tirar uma dúvida, o texto é descontinuado.

Quando consultamos um dicionário para compreender o significado de uma palavra, interrompemos momentaneamente a leitura e, em seguida, retornamos ao texto com novas informações que nos ajudam a interpretar melhor o conteúdo. Esse movimento faz parte de um processo reflexivo: pausamos, buscamos esclarecimentos e retomamos a leitura com mais consciência.

Nas experiências contemporâneas mediadas por telas, essa dinâmica ocorre de maneira diferente. Ao assistir a um vídeo na televisão ou em uma plataforma digital e, simultaneamente, buscar outra informação

no celular, é comum perder parte do conteúdo em exibição ou recebê-lo de forma fragmentada.

Da mesma forma, uma notificação de mensagem em aplicativos como o *WhatsApp* ou uma interação em redes sociais pode interromper a atenção e deslocar o foco para outro estímulo.

À primeira vista, esses gestos parecem sutis e cotidianos, mas revelam mudanças profundas na forma como nos relacionamos com a informação. Os deslocamentos constantes entre dispositivos e plataformas nos inserem em um fluxo contínuo de conteúdos e estímulos.

No contexto escolar, essa realidade se manifesta de modo particular, pois estudantes e professores lidam com múltiplas telas e interrupções frequentes.

Pesquisadores que estudam a cultura digital destacam que as novas gerações estão imersas em ambientes marcados por estímulos simultâneos e

velocidade informacional, o que desafia as práticas pedagógicas tradicionais.

Compreender essa dinâmica, portanto, é fundamental para pensar o uso das mídias na educação. **Não se trata apenas de incorporar tecnologias à sala de aula, mas de reconhecer como elas influenciam a atenção, a concentração e os modos de aprendizagem, exigindo estratégias pedagógicas mais intencionais e críticas.**

Nesse cenário, o tempo de espera, assim como o enfrentamento do que é cansativo ou repetitivo no processo de estudo, parece cada vez mais raro.

A lógica das redes sociais, organizada em linhas do tempo quase infinitas, sugere que a informação está sempre disponível e que precisamos estar constantemente consumindo, produzindo e compartilhando conteúdos. Essa dinâmica pode reduzir a disposição para a pausa, para a reflexão mais demorada e para o aprofundamento necessário à aprendizagem.

Percebemos, então, que mesmo quando a escola não dispõe de tecnologias de última geração, ela está inserida em um contexto marcado pela intensa produção e circulação de informações. Isso exige uma análise cuidadosa sobre como estudantes e professores lidam com esses fluxos, reconhecendo que há diferentes formas de interpretar, utilizar e atribuir sentido às mídias em contextos diversos.

EM DESTAQUE

Não se trata de classificar mídias como “melhores” ou “piores”. Um celular é tão mídia quanto um livro. Da mesma forma, a distração pode ocorrer tanto diante de uma tela quanto diante de uma página impressa. O ponto central não é o artefato em si, mas as formas de uso, os sentidos atribuídos e as experiências que ele possibilita. Cada mídia oferece potencialidades distintas e produz modos específicos de interação, leitura e aprendizagem. Assim, o desafio pedagógico não está em substituir uma mídia por outra, mas em compreender criticamente seus usos e potencialidades, colocando-as a serviço da formação reflexiva e do desenvolvimento intelectual dos sujeitos da aprendizagem.

NO TERRITÓRIO

No cotidiano da sua escola, como as múltiplas telas aparecem?

Observe uma aula, um intervalo ou até um momento de estudo orientado:

- ◆ Quantos dispositivos estão presentes ao mesmo tempo?
- ◆ Como estudantes alternam entre diferentes mídias?
- ◆ Em quais momentos há maior concentração e quando a atenção se dispersa?

Perceber essas dinâmicas no território escolar é um passo importante para pensar em estratégias pedagógicas mais conscientes. Não se trata de eliminar o uso das mídias, mas de compreender como elas estão presentes na experiência dos estudantes e como podem ser mediadas de forma mais intencional.

COMO UTILIZAMOS AS
MÍDIAS NO ESPAÇO DA
ESCOLA?



03

Iniciamos este tópico com uma proposta prática, articulada às reflexões que vimos sobre mídias e tecnologias no contexto escolar. Começamos por algo simples, mas fundamental: **realizar um inventário das mídias e tecnologias presentes na escola.**

A primeira etapa pode ser a elaboração de uma lista. Quais recursos estão disponíveis na sua escola? Computadores, celulares, televisão, projetor multimídia, rádio, livros, murais, cartazes, lousa, cadernos, canetas, lápis, marcadores, quadros de aviso, plataformas digitais?

Ao ampliar o olhar, percebemos que a escola é um ambiente repleto de artefatos que mediam comunicação, aprendizagem e interação.

Depois da lista, o passo seguinte é refletir: como utilizamos esses recursos? Com que finalidade? Para transmitir informações? Para dialogar? Para produzir conhecimento? Para estimular participação?

O objetivo desta atividade não é prescrever um modelo de aula, mas provocar uma reflexão: o que cada professora e professor pode, consegue, deseja ou se interessa em desenvolver com os recursos disponíveis em seu contexto escolar?

Para aprofundar essa análise, **é importante lembrar que os artefatos midiáticos podem ser compreendidos como extensões da experiência humana. Não se limitam às tecnologias digitais.** O caderno, a lousa, as paredes da escola, os murais, os livros e até a organização do espaço físico são meios que mediam relações, produzem sentidos e organizam formas de aprender.

Reconhecer essa diversidade amplia nossa compreensão sobre mídia na escola. Antes de pensar no que falta, é preciso perceber o que já existe e como pode ser utilizado de maneira mais intencional, crítica e criativa.

Mesmo diante de recursos que não são considerados os mais tecnológicos, é possível desenvolver práticas pedagógicas significativas. A questão que se coloca é: como trabalhar coletivamente com essas mídias e tecnologias, considerando seus usos no cotidiano e seu potencial para o desenvolvimento das pessoas no espaço escolar?

3.1 EXPERIMENTANDO MÍDIAS, SUPORTES E LINGUAGENS

Há muito que podemos fazer e fazemos todos os dias. Entretanto, diferentes são as preocupações que o planejamento, a avaliação externa e interna, o currículo e a gestão operam na prática docente.

Podemos experimentar caminhos diferentes. Uma possibilidade é propor testes que explorem a mudança de suporte, por exemplo: comparar como um mesmo conteúdo é apresentado em um livro didático, em um vídeo, em um podcast ou em uma

postagem de rede social. Essa comparação nos ajuda a compreender como o meio influencia a forma como a informação é organizada, transmitida e interpretada.

No contexto contemporâneo, marcado pelo uso intenso, e, muitas vezes, indiscriminado, da Inteligência Artificial e de plataformas digitais, torna-se ainda mais relevante discutir como o suporte e os modos de circulação da informação impactam sua compreensão.

Trabalhar essas diferenças em sala de aula pode contribuir para que estudantes desenvolvam uma postura crítica diante das múltiplas fontes às quais têm acesso.

Desenvolver uma prática simbólica e crítica significa ampliar as formas de pensar e sentir, fortalecendo ações orientadas por princípios éticos e reflexivos. Em outras palavras, **não basta acessar informações: é preciso analisá-las, interpretá-las e questioná-las.**

Para colocar essa reflexão em prática, convidamos você a escolher um conteúdo previsto para ser trabalhado com sua turma, qualquer conteúdo. O foco não está no tema em si, mas na abordagem. Se o material didático já oferece um texto-base acessível a todos, podemos utilizá-lo como ponto de partida e, a partir dele, explorar outras mídias e suportes para ampliar o debate.

O primeiro exercício pode consistir na leitura e interpretação do conteúdo selecionado. Se for um tema que costuma ser explicado com o uso do quadro, podemos pensar em estratégias para sistematizar as ideias principais por meio de esquemas, mapas conceituais ou diagramas construídos coletivamente a partir do texto-base.

Esse movimento, da leitura no livro didático para a organização das informações no quadro ou em *slides*, nos ajuda a perceber que cada suporte exige adaptações na forma de apresentar e compreender o conteúdo.

Assim, não se trata apenas de “transferir” informações de um lugar para outro, mas de reorganizá-las, sintetizá-las e atribuir novos sentidos conforme o meio utilizado.

Ao elaborar sínteses para o quadro, construir slides ou propor atividades de leitura, interpretação e produção textual, desenvolvemos uma consciência mais crítica sobre as características de cada artefato midiático.

Pois cada suporte possui linguagens, limites e potencialidades próprias, e reconhecê-las é parte fundamental de uma prática pedagógica intencional e reflexiva.

Podem ser realizadas escolhas simples, mas que podem auxiliar a turma a compreender o processo de seleção e organização das informações. Entre o texto base e a lousa, estamos trabalhando a proposta de seleção, sistematização e organização dos conteúdos. E, desse modo, podemos expandir a discussão

vinculada ao conteúdo para relacioná-la com as maneiras como as informações são tratadas e difundidas.

Um passo seguinte possível, considerando a dinâmica da sala de aula, é organizar os estudantes em grupos para que, a partir das informações lidas no texto-base e das sistematizações realizadas na lousa, possam reorganizar coletivamente o conteúdo.

Nesse momento, os grupos podem ser convidados a transformar as informações em novas formas de registro: esquemas, quadros comparativos, mapas conceituais ou sínteses temáticas. Essa reorganização favorece a compreensão do conteúdo e evidencia como diferentes suportes exigem diferentes modos de apresentação e interpretação.

A partir dessa atividade, pode-se propor que cada grupo elabore uma lista de perguntas sobre o tema estudado. As questões podem servir como guia de revisão, aprofundamento ou problematização do

conteúdo da aula. Ao produzir perguntas, os estudantes exercitam a análise crítica, identificam pontos centrais do tema e reconhecem lacunas que ainda precisam ser exploradas.

Assim, a mídia, seja o texto, a lousa ou outro suporte, deixa de ser apenas instrumento de transmissão e passa a ser mediadora de reflexão, diálogo e construção coletiva do conhecimento.

Exemplos possíveis nesta atividade são:

- ◆ Podemos estimular o uso de recursos para o desenvolvimento de pesquisas para aprofundar sobre o tema trabalhado em aula.
- ◆ Além disso, a organização de entrevistas com pessoas que vivenciam ou que podem contribuir para elucidar informações.
- ◆ Por fim, o levantamento de materiais e conteúdos em diferentes suportes no espaço escolar e fora dele. A busca por referências.

Entre essas três atividades, estão a leitura de um texto-base, o desenvolvimento de uma sistematização em lousa e a organização em grupos que possam discutir e pensar sobre informações para o aprofundamento do conteúdo. Estamos trabalhando com características de comunicação que possibilitam os usos de diferentes suportes midiáticos para atividades distintas.

Considerando os potenciais dos usos de mídias digitais móveis e a possibilidade de acesso a aplicativos e *softwares*, podemos estimular a produção de vídeos curtos sobre o tema ou, ainda, a sistematização de atividades, como a produção de *podcasts*.

Gleyce Barbosa Gonçalves (2025), em sua dissertação, desenvolveu com uma turma de quinto ano a discussão sobre *fake news*, desinformação e o uso dos podcasts como uma forma de trabalhar com os usos de mídias em sala de aula.

Gonçalves (2025, p. 122) realizou quatro encontros com a turma que se dispôs a participar de seu estudo de campo e, no processo de leitura, crítica, análise e produção de um podcast, promoveu condições de diálogos para que se trabalhasse coletivamente como as informações e os conteúdos são disseminados e oportunizam a crítica, a análise e a reflexão: “é necessário criar um espaço para que o diálogo aconteça, para a dúvida, para a problematização dos significados”.

A quantidade de informações que estão disponíveis para as pessoas, a complexidade da velocidade e do processo de acesso e interpretação das informações nos fazem pensar sobre como as práticas educativas podem contribuir para problematizar os efeitos das mídias nas vidas contemporâneas — como tratam Gonçalves (2025), Sibilia (2012), Silverstone (2005), Takara (2025) e Türcke (2010).

Para problematizar seus efeitos, podemos pensar que propostas de aula que oportunizem o acesso e a

reflexão sobre os conteúdos e as informações, assim como ofertar espaços e tempos para a discussão e as possibilidades de interpretação, podem contribuir com usos diferentes das mídias na contemporaneidade.

Portanto, os conteúdos são relevantes, mas os modos como eles são discutidos, trabalhados e disseminados também fazem parte do trabalho pedagógico.

Estratégias simples também podem ser significativas quando utilizam as mídias como parte de um processo de investigação. Ao explorar como as produções midiáticas coletam, organizam e disseminam informações, a escola pode promover discussões mais aprofundadas sobre seus efeitos e possibilidades de uso no contexto educacional.

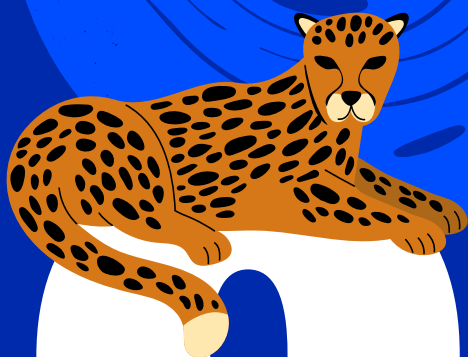
Ao mesmo tempo, essas práticas contribuem para desenvolver uma leitura mais crítica do mundo.

EM DESTAQUE

A presença de múltiplos suportes, do caderno ao celular, amplia as possibilidades pedagógicas, mas também exige intencionalidade. Cada mídia organiza a informação de um modo específico, mobiliza diferentes linguagens e produz formas distintas de leitura e interpretação.

Assim, além de incorporar novas tecnologias, o desafio está em desenvolver práticas que favoreçam a análise, a reflexão e a construção coletiva do conhecimento. É nesse movimento que as mídias deixam de ser apenas instrumentos e passam a atuar como mediadoras da aprendizagem.

**PERSPECTIVAS
NAS PROPOSTAS
DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS:
PLANEJANDO COM AS MÍDIAS**



04

Propomos que o uso das mídias seja pensado desde o planejamento das práticas pedagógicas desenvolvidas nas disciplinas e nas atividades formativas. Não se trata de inserir um recurso tecnológico apenas como complemento da aula, mas de refletir sobre como as mídias podem integrar o processo de ensino e aprendizagem de maneira intencional e crítica.

Quando pensamos nesse planejamento, vale se perguntar: de que maneira as mídias já atravessam o cotidiano da sua prática? E como podem deixar de ser apenas apoio para se tornarem parte estruturante da proposta pedagógica?

Essa perspectiva nos convida a problematizar a ideia de “recurso pedagógico” entendido apenas como ferramenta para transmitir conteúdos. Em vez disso, propomos uma abordagem que articule pensamento

científico, educação escolar e as informações que circulam intensamente no contexto contemporâneo. Planejar com mídias implica reconhecer que os estudantes já vivem imersos em fluxos informacionais diversos e que a escola pode mediar esse contato de forma reflexiva.

Isso significa, na prática, reconhecer que a aprendizagem não começa nem termina na sala de aula; ela já está em curso quando o estudante chega, atravessada por diferentes experiências midiáticas.

Estudos sobre mídia e sociedade apontam que o desenvolvimento tecnológico ao longo do século XX e início do século XXI transformou profundamente os modos de vida e as formas de comunicação (Figura 3).

Figura 3 – Linha do tempo: Evolução da Comunicação no Brasil (Séculos XX e XXI) Período Marco Histórico Impactos na Comunicação.

1900–1920

Expansão da imprensa escrita (jornais e revistas) A imprensa consolida-se como principal meio de circulação de informações, opiniões e debates públicos.



1922

Primeira transmissão oficial de rádio no Brasil durante as comemorações do Centenário da Independência, Início da radiodifusão brasileira, ampliando o acesso à informação e ao entretenimento.

Década de 1930

Popularização do rádio e autorização da publicidade radiofônica, o rádio torna-se meio de comunicação de massa e importante instrumento de integração nacional.



Década de 1940

"Era de Ouro" do rádio, Expansão das radionovelas, programas musicais e jornalísticos; fortalecimento da cultura de massa brasileira.

1950

Inauguração da TV Tupi, primeira emissora de televisão do Brasil. Início da televisão brasileira, que passa a combinar imagem e som na comunicação de massa.



1960–1970

Expansão das redes nacionais de telecomunicações e criação da Embratel. Integração do território nacional por micro-ondas, satélites e sistemas de telecomunicação.

1972

Primeiras transmissões de TV em cores. Modernização da televisão e ampliação do consumo cultural audiovisual.



Década de 1980

Popularização dos videocassetes, TV aberta em rede nacional e telefonia. Consolidação da televisão como principal meio de comunicação do país.

1989–1995

Chegada da Internet ao Brasil e criação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP) e do CGI.br. Início da sociedade em rede e da comunicação digital no país.



Década de 1990

Expansão dos computadores pessoais, e-mails e portais de notícias a comunicação torna-se mais rápida, descentralizada e interativa.

2000–2010

Popularização da banda larga, celulares e redes sociais, surge a cultura digital participativa, com produção e compartilhamento de conteúdos pelos usuários.

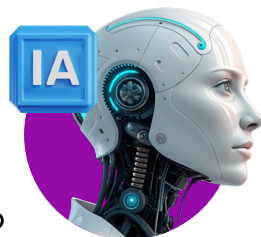


2010–2020

Smartphones, plataformas digitais, streaming e redes sociais em massa. Comunicação móvel, instantânea e multimídia; fortalecimento da convergência digital.

2020–2026

Inteligência Artificial, comunicação algorítmica e plataformas digitais educativas crescimento da personalização da informação, da educação digital e dos desafios relacionados à desinformação, ética e direitos humanos na comunicação.



Fonte: Elaborado pela comissão técnica (2026).

Se, em outros períodos, a circulação de informações estava mais concentrada em sistemas regionais, nacionais ou internacionais relativamente estruturados, hoje vivemos em um ambiente marcado pelo fluxo contínuo das redes digitais, pela produção descentralizada de conteúdos e pela multiplicidade de vozes.

Nesse cenário, planejar pedagogicamente com mídias exige compreender essas transformações e considerar como elas impactam a aprendizagem, a atenção, a formação de opiniões e a construção do conhecimento. Para além do acompanhamento de

tendências tecnológicas, trata-se de desenvolver práticas que integrem criticamente os meios de comunicação ao processo educativo.

Assim, o planejamento de disciplinas e a constituição de planos de aula e ensino que consigam reconhecer os atravessamentos das mídias no contexto contemporâneo podem contribuir para movimentos coordenados entre a apresentação, o ensino e a sistematização dos conteúdos científicos e escolares, bem como articular as análises e críticas para que diferentes pessoas possam refletir sobre as informações e os conteúdos que acessam, compartilham, produzem e consomem cotidianamente.

4.1 CONSUMIR E PERFORMAR: O QUE AS MÍDIAS NOS ENSINAM

Sibilia (2012, p. 72-73, grifo da autora) analisa os estímulos na contemporaneidade para “modos **performáticos** de ser e estar no mundo mais aptos a

agir ante o olhar do outro, ou mesmo diante da lente de uma câmera”.

Vamos retomar o termo “performático” para pensarmos em sua significação para a performance como experiência e ato de criação; também para a captura do termo que, dentro das lógicas do capitalismo, é proposto como sinônimo da ideia de desempenho.

Essa distinção é importante: nem toda performance é negativa; ela pode ser expressão, criação, linguagem. O problema está quando ela se reduz a uma exigência constante de produtividade e visibilidade.

Nesse ponto, podemos trabalhar temas diferentes sobre a ideia de como as redes sociais e os conteúdos que são produzidos e consumidos cotidianamente oferecem uma perspectiva de alto desempenho para as pessoas. Essa análise é empreendida

pelo filósofo sul-coreano e professor da Universidade de Berlim, Byung-Chul Han (2017).

As mídias contemporâneas frequentemente sustentam uma noção de desempenho e autoexploração associada à ideia de sucesso. A produtividade constante, a exposição permanente e a necessidade de gerar conteúdos ininterruptamente tornam-se referências valorizadas socialmente. Essa lógica atravessa diferentes regiões, idades, identidades, crenças e posições socioculturais, consolidando padrões de reconhecimento e visibilidade.

Quando trazemos esse debate para a escola, abrimos espaço para que estudantes reflitam sobre pressões que muitas vezes vivenciam, mas nem sempre conseguem nomear.

Inseridas nesse contexto, as mídias são também atravessadas por dinâmicas de consumo, competição e validação social. Por isso, ao trabalharmos diferentes

conteúdos e conhecimentos no espaço escolar, torna-se fundamental problematizar não apenas as informações veiculadas, mas também seus efeitos, riscos e implicações na vida cotidiana.

Um exemplo que pode ser utilizado em diversas situações pedagógicas é o impacto das informações midiáticas relacionadas à alimentação. Notícias, campanhas publicitárias, conteúdos de entretenimento e influenciadores digitais divulgam diariamente orientações sobre dietas, produtos, modos de preparo e formas de consumo que são apresentados como benéficos, milagrosos, indispensáveis ou, em outros casos, perigosos. Muitas vezes, essas mensagens são ambivalentes e contraditórias.

Essa multiplicidade de discursos exige o desenvolvimento de uma postura crítica frente às informações que circulam. Mais do que consumir conteúdos, é necessário analisá-los, identificar interesses

envolvidos, verificar fontes e refletir sobre como tais mensagens influenciam escolhas individuais e coletivas.

4.2 A ALIMENTAÇÃO COMO OBJETO DE ANÁLISE MIDIÁTICA

Para tornar essa reflexão mais concreta, podemos observar como esses processos se manifestam em temas presentes no cotidiano. A alimentação é um bom exemplo, pois reúne diferentes saberes e interesses. Ao analisar como esse tema aparece nas mídias, é possível compreender como os sentidos são produzidos e como influenciam nossas escolhas.

A cultura alimentar, o acesso aos insumos, as relações com a comida e suas formas de preparo, as receitas, os diferentes tipos e usos de ingredientes, bem como as possibilidades de uma alimentação saudável ou que possa ser prejudicial são aspectos que estão presentes no cenário da vida cotidiana. É um assunto que podemos ouvir em diferentes espaços

de convivência e um tema que também atravessa e produz discursos e práticas na escola.

É possível acionarmos a alimentação como tema das aulas de gramática e ortografia até as aulas de matemática para pensarmos em pesos, medidas e valores nutricionais. Podemos estudar na História como a alimentação se tornou o que é, podemos conhecer os territórios e seus costumes, podemos falar sobre os nutrientes necessários para o corpo em Ciências.

Igualmente, o que vemos nas redes sociais e nos meios de comunicação acaba por tratar a performance como um desempenho da alimentação para uma vida saudável. Existem empresas, marcas e negócios que se posicionam para promover uma noção de alimentação em que seus produtos e serviços assegurem uma qualidade de vida.

Entretanto, o fato de o assunto ser complexo auxilia para problematizarmos os efeitos pedagógicos que as mídias têm na alimentação humana.

Realizar investigações para sabermos sobre alimentação pode ser um amplo planejamento, mas podemos trabalhar com filtros em nossa proposta didático-pedagógica que comece por sabermos o que é alimentação e como ela está inserida nos contextos que vivemos.

Entre as refeições do dia a dia, até as lógicas de desempenho e a dinâmica do corpo saudável, é possível problematizarmos com as nossas turmas como a informação chega, que conteúdos e quais conhecimentos são necessários para problematizar o que ouvimos, lemos, assistimos e compartilhamos.

Essa é uma proposta que pode incluir tutoriais e receitas da internet, promessas milagrosas e produtos que se propõem a gerar um tipo de desempenho e/ou qualidade de vida e que efeitos podem ser prejudiciais ou contribuir para uma vida saudável

Figura 4 – A alimentação como objeto de análise midiática.



Fonte: – Elaborada pela comissão técnica (2026) com auxílio de Inteligência Artificial.

Para isso, podemos trabalhar com o processo de filtros de informação para utilizarmos os conteúdos escolares e propormos interpretações e análises com base no conhecimento científico.

São exemplos dessas discussões os processos de criação de selos, produtos e serviços que propõem, por exemplo, uma ideia de glúten como perigoso para a alimentação saudável, a compreensão de um tipo de alimentação que, rica em um ou outro nutriente, pode

gerar um tipo de corpo que está presente no cenário midiático como ideal de vida ativa e produtiva.

A proposta de filtros que fazemos nesta discussão é para que as pessoas possam refletir e problematizar sobre as informações disponíveis e, também, para que se confie menos em promessas e lógicas de consumo e que se retome a compreensão e a crítica científica sobre os modos como a alimentação é e pode ser vivenciada na contemporaneidade.

Questionar-se desde os alimentos ultraprocessados até a ideia de que o glúten é danoso ou prejudicial, bem como a possibilidade de analisarmos como um tipo de informação não traz base científica ou dados de análise e carece de explicações para que não se trate uma narrativa de consumo como um ideal de modo de vida.

Filtros como: quem é a pessoa ou a empresa que está divulgando esta informação? Ela tem estudos sobre o tema ou uma formação para tratar do assunto?

Essa informação é de uso geral ou precisa ser analisada caso a caso? Como esse alimento está presente ou ausente no cotidiano das pessoas?

A partir das questões, podemos analisar em diferentes recursos midiáticos como esses temas são tratados. É possível criarmos campanhas e discutirmos atividades de produção de conteúdo para que alunas e alunos possam refletir sobre comida e alimentação em suas rotinas e cotidianos, bem como enfrentar debates sobre transtornos e compulsões alimentares.

Ou seja, a mídia está presente e pode ser nosso objeto de estudo, mas também pode ser nossa oportunidade de dialogarmos sobre os temas que precisamos enfrentar cotidianamente.

AMPLIANDO O OLHAR

Ao finalizar este Caderno, vale retomar uma questão essencial: como as mídias estão presentes na sua prática docente e que lugar você tem dado a elas?

Mais do que pensar em “usar tecnologias”, o desafio é compreender:

Que tipos de leitura de mundo estamos promovendo?

Estamos formando consumidores de informação ou sujeitos críticos?

As mídias estão sendo usadas para reproduzir conteúdos ou para problematizá-los?

Ampliar o olhar sobre as mídias na escola é reconhecer que cada escolha pedagógica também é uma escolha sobre que tipo de formação queremos construir.



Atividade – Percurso Midiático

Escolha um conteúdo que esteja sendo trabalhado em sala e realize uma busca por diferentes materiais relacionados a ele: vídeos, *podcasts*, entrevistas, reportagens, infográficos ou outros formatos disponíveis.

A proposta é construir um pequeno “trajeto midiático”, comparando como o mesmo tema é apresentado em diferentes suportes. Para isso:

- 1. Selecione pelo menos três produtos midiáticos distintos.**
- 2. Analise:**
 - ◆ Como o tema é abordado em cada formato;
 - ◆ Quais informações são enfatizadas;

- ◆ Que linguagem é utilizada;
- ◆ Quais aspectos são aprofundados ou simplificados.

3. Discuta com a turma:

- ◆ O que muda de um suporte para outro?
- ◆ Que novas perguntas surgem a partir dessa comparação?
- ◆ Qual material contribuiu mais para ampliar a compreensão do tema? Por quê?

O objetivo é perceber que as mídias não apenas transmitem conteúdos, mas organizam sentidos, recortes e perspectivas. Desenvolver essa consciência é parte essencial da formação crítica no contexto da cultura digital.

CONSIDERAÇÕES QUE NOS MOVEM



05

Ao longo deste Caderno fomos convidados a ampliar nosso olhar sobre as mídias no contexto escolar. Partimos de uma compreensão que ultrapassa a ideia de tecnologia como ferramenta e avançamos para entendê-la como prática cultural, como linguagem e como dimensão constitutiva da vida contemporânea.

Nesse percurso, refletimos que as mídias transmitem informações, organizam percepções, influenciam comportamentos, produzem sentidos e participam ativamente da formação de sujeitos. Nesse cenário, educar ganha dimensões para além de ensinar conteúdos e atinge a mediação da relação dos estudantes com os fluxos informacionais que atravessam o cotidiano.

Discutimos, ainda, que o avanço tecnológico e a intensificação da cultura digital modificaram profundamente os modos de atenção, de aprendizagem e de interação social. A presença constante de múltiplas telas, a velocidade das informações e a lógica de consumo contínuo colocam novos desafios para

a escola, exigindo práticas pedagógicas que considerem essas transformações de forma crítica e intencional.

Logo, é fundamental reconhecer que a escola não está à margem dessas mudanças. Mesmo quando não dispõe de tecnologias de última geração, ela já está inserida em um ambiente marcado pela circulação intensa de informações e discursos. Isso exige do trabalho docente uma postura ativa de mediação, capaz de transformar o contato com as mídias em experiência formativa.

Também vimos que a Educação Integral, articulada às mídias, não se resume à ampliação do tempo escolar ou à diversificação de recursos. Ela envolve a formação plena dos sujeitos, considerando suas dimensões cognitivas, sociais, culturais, éticas e políticas. Trabalhar com mídias, nesse sentido, é também trabalhar com a formação da autonomia, da criticidade e da participação.

Outro ponto central deste Caderno foi a compreensão de que não existem mídias “melhores” ou “piores”. O que está em jogo são os modos de uso, os sentidos atribuídos e as experiências que elas possibilitam. Um livro, um caderno, um celular ou uma rede social são todos meios que podem tanto ampliar quanto limitar a aprendizagem, dependendo da intencionalidade pedagógica que orienta seu uso.

Planejar com mídias é reconhecer que a aprendizagem não começa nem termina na sala de aula. Os estudantes chegam à escola atravessados por experiências midiáticas diversas, e o papel desta é justamente ajudar a organizar, problematizar e ressignificar essas experiências.

Nesse sentido, propostas como leitura crítica de conteúdos, comparação entre diferentes suportes, produção de mídias (como vídeos e *podcasts*) e análise de discursos presentes nas redes sociais mostram-se caminhos potentes para integrar mídias ao currículo de forma significativa.

Também evidenciamos a importância de trabalhar com filtros de informação. Em um cenário marcado pela desinformação, pelas *fake news* e por discursos contraditórios — como no caso das práticas alimentares, por exemplo —, torna-se essencial desenvolver a capacidade de questionar, investigar, analisar fontes e compreender os interesses envolvidos na produção dos conteúdos.

Educar, nesse contexto, é também formar sujeitos capazes de lidar com a complexidade. Não se trata de oferecer respostas prontas, mas de criar condições para que estudantes aprendam a perguntar, a duvidar, a investigar e a construir conhecimento de forma crítica.

Ao mesmo tempo, refletimos sobre como as mídias contemporâneas estão atravessadas por lógicas de desempenho, visibilidade e consumo. A pressão por produtividade, exposição e reconhecimento, amplificada pelas redes sociais, impacta diretamente a forma como os estudantes se percebem e se relacionam com o mundo.

Trazer esse debate para a escola é também uma forma de cuidar, de acolher e de promover consciência sobre essas dinâmicas.

O que nos move, portanto, é a convicção de que:

- ◆ A escola deve ser espaço de leitura crítica do mundo, e não apenas de reprodução de informações;
- ◆ As mídias devem ser compreendidas como linguagem, cultura e prática social;
- ◆ O ensino precisa dialogar com o tempo presente, sem abrir mão do rigor, da reflexão e da profundidade;
- ◆ A Educação Integral se concretiza quando forma sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com a dignidade humana.

Nesse horizonte, educar com mídias é assumir o compromisso de formar sujeitos que não apenas consomem conteúdos, mas que sejam capazes de interpretá-los, questioná-los e produzir novos sentidos.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Gleyce Barbosa. **Até a professora duvida**: o uso de podcasts como recurso pedagógico para pensar a formação docente. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2025. Disponível em: <https://ppge.unir.br/uploads/62248421/RIUNIR%20GLEYCE%20BARBOSA.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2026.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.



SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. 2 ed. Loyola: São Paulo, 2005.

SIMON, Roger I. A pedagogia como uma tecnologia cultural. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. 7 ed. Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2008.

TAKARA, Samilo. A transparência que nos educa: Byung-Chul Han e as pedagogias midiáticas. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 39, p. 1–28, 2025. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v39a2025-72566. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/72566>. Acesso em: 13 jan. 2026.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Unicamp, 2010.

SUGESTÕES DE LEITURA

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

EQUIPE DO PROJETO

A realização do projeto **Educação em Direitos Humanos, Mídia e Educação Integral** só foi possível graças ao trabalho coletivo de profissionais de diferentes instituições, cujas contribuições foram fundamentais para a construção e o desenvolvimento desta iniciativa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR)

Coordenação

Aparecida Luzia Alzira Zuin
(Coordenadora-Geral do Projeto
e Coordenadora Adjunta junto à
SECADI/MEC)

Professores(as) Pesquisadores(as)

Aparecida Luzia Alzira Zuin
Mariluce Paes de Souza
Fernando Danner
Márcio Secco
Samilo Takara
Eliane Bastos
Raísa Thomaz Tavares

Tutores(as)

Adriana Vieira da Costa
Claudinei Frutuoso
Cristiane Cardoso da Silva
Franciele Gonçalves
Francisco Magalhães de Lima
Gláucia Lopes Negreiros
Gleiciane de Souza Cerqueira
Layde Lana Borges da Silva
Lucicleia Lima de Souza
Thaís Bernardes Maganhini

Design e Produção Educacional

Patrícia Rafaela Urbano Grenhas
— *Designer Gráfico*
Thaís Bombardelli — *Designer
Educacional*

Intérpretes de Libras

Camile de Oliveira
Jefferson Aires do Nascimento
Júlia Rodrigues Cardoso
Ozineide Alves Miranda Oliveira

Secretaria Executiva

Breno Veisack Lara
Cintia Adélia da Silva
Gisely Barrero Zeitz
Marcelo Wilson Ferreira Pacheco

Apoio Administrativo

Alexandre Viana da Motta Lima
Dálisson Silva da Costa
Francisco Mateus Pereira Piacá
Guilherme Campos Pereira dos Santos
Juan Irineu Silva Belline
Kasprovicz
Luanda Alves Félix Fernandes

Revisão e Tradução

Clara Luz Martins Vaz
Manuela Gomes Aragão
Maria Clara Resende
Victória Maria Pimentel Neves
Costa

Editoração de Materiais Didáticos

Débora Mendes de Sousa Gemelli
Luana Gomes Pagung
Natalia Oliveira Bicca
Rejane Sales de Lima Paula
Thaís Bombardelli
Gisely Barrero Zeitz
Marcelo Wilson Ferreira Pacheco

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS (UFT)

Coordenação

Rosilene Lagares

(Supervisora Geral do Curso)

Professores(as) Pesquisadores(as)

Adaires Rodrigues de Sousa

Angela Noletto da Silva

Ítalo Bruno Paiva Gonçalves

Katia Cristina Custódio Ferreira Brito

Venícios Cassiano Linden

Diogo Teixeira de Castro Silva

Jeffirson Ramos da Silva

Jemima Barreira Gertrudes Barreira Cavalcante

Joildy Gomes Brito

Manuela Silva e Silva

Maria Raimunda Carvalho Araújo Cerqueira

Mateus Barbosa Pereira

Meire Lúcia Andrade da Silva

Meyrivane Teixeira Santos Arraes

Paulo Vinícius Santos Sulli Luduvise

Regivane Martins Ambrózio Silva

Ronaldo Muniz Silva

Vitória Moreira da Silva Barros

Tutores(as)

Angêla Sousa Silva

Celestina Maria Pereira de Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)

Coordenação

Ney Cristina Monteiro de Oliveira

(Coordenadora Geral de Formação)

Marcelo Wilson Ferreira Pacheco

Orlando Nobre Bezerra de Souza

Rafael Silva Costa

Professores(as) Pesquisadores(as)

Cintya da Silva Aguiar

Izete Magno Corrêa

Tutores(as)

Carla Siqueira Moreira

Claudio Nascimento da Costa

Edinéia de Sena Silva Lopes

Eduarda de Assunção Pacheco

Elaniese do Socorro Lima da Silva

Emanuelly Letícia das Mercês Silva

Fahid da Costa Kemil

Lilia Mendes Lobato

Luana Patricia Paixão Maciel

Luane Tomé do Nascimento Sampaio

Maria do Socorro Rodrigues Rocha

Michelle Costa Tapajós

Neuzivan Lima Ávila

Rosely da Silva Costa de Oliveira

Silviane Raiol Pinheiro



EDUCAÇÃO EM
DIREITOS HUMANOS, MÍDIA E
EDUCAÇÃO INTEGRAL